

5 Conclusão

“Os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso”, mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou (Platão sabia isso bem, apesar de ter ensinado o contrário...). Platão dizia que é necessário contemplar as Idéias, mas tinha sido necessário, antes, que ele criasse o conceito de Idéia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?¹

Esta afirmação nietzschiana, ressaltada pelos filósofos Deleuze e Guattari, no prólogo do livro *O que é a filosofia?*, parece trazer à luz, de forma sucinta, os motivos que levaram Nietzsche a perseverar em criticar os conceitos dogmáticos presentes na filosofia. Conforme acrescenta a dupla francesa, os conceitos “devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam”². E é neste sentido que podemos dizer que a filosofia nietzschiana se distingue das demais, pois Nietzsche não só faz de seus escritos um verdadeiro ato criador, como também, e sobretudo, faz questão de mostrá-los como resultado de um absoluto artifício, isto é, Nietzsche jamais dissimula o caráter inventivo de seus conceitos, afastando qualquer possibilidade de que tais conceitos tenham brotado como um ato milagroso. Mesmo aqueles conceitos absolutamente metafísicos, que estrategicamente sustentam seu primeiro livro, Nietzsche faz questão de afirmá-los como resultado de uma invenção: “Contra a Moral, portanto, voltou-se então, com esse livro problemático, o meu instinto,

¹ Cf. NIETZSCHE. Posthumes 1884-1885, *Oeuvres philosophiques*, XI, Gallimard, pp. 215-216 (sobre “a arte da desconfiança”) in DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, pp.13 e 14.

² Cf. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, p. 13.

como um instinto em prol da vida”, enfatiza Nietzsche, “e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contra-valorização da vida, puramente artística”³. Além de renunciar aos conceitos filosóficos que emergiram com a filosofia platônico-socrática, ele refuta-os, mas, antes, cria outros imensos, intensos e controversos conceitos, tais como “forças”, “valor”, “devir”, “vida”, “vontade de potência”, “trágico”, “gaia ciência”, “nobre”, “escravo” e, os repulsivos, “ressentimento”, “má-consciência”, etc.

Podemos dizer que poucos filósofos operaram tanto com personagens conceituais como Nietzsche. Sejam os simpáticos Dionísio e Zaratustra, ou os antipáticos Sócrates, Cristo/Paulo, Sacerdote e Homens superiores, tais personagens são fundamentais para que ele faça emergir conceitos que funcionam como paradigma para que a sua crítica à vontade de verdade presente na filosofia funcione, de um certo modo, como uma subversão da imagem do pensamento. São esses recursos engenhosos que, muitas vezes, suscitam uma ambiguidade de seus escritos, na medida em que se trata de textos filosóficos, e não de ficções. O que leva muitos leitores de Nietzsche a considerá-lo tal qual um poeta ou um criador de mitos. Porém, mesmo que as artimanhas utilizadas por ele possam, aos olhos de alguns, privar seus escritos do estatuto de livros de filosofia (cabe, aqui, ressaltar que seus livros levaram quase quatro décadas, a partir de sua morte, para que fossem reconhecidos pelas academias filosóficas universitárias alemãs), não podemos nos furtar ao fato de que, embora ele tenha pintado a história da filosofia de forma caricatural a fim de ressaltar a sua refutação ao idealismo de que o pensamento filosófico era tributário, tal engenhosidade tinha como objetivo último inventar novos modos de existência absolutamente afinados com o seu singular conceito de vida. Ele chega mesmo a afinar sua própria vida com esse seu modo de pensar, ao abandonar as academias universitárias para levar uma vida solitária e errante, pensando e escrevendo sem cessar, superando-se a si mesmo em cada obra, ou melhor, ultrapassando suas próprias estratégias.

Neste sentido, como vimos, ele chega a redigir uma suposta autobiografia em que, ao invés de narrar suas memórias, faz uma releitura de sua obra que serviria para “passar a limpo” sua própria vida e criar para si a imagem de um filósofo dionisíaco. Também não podemos deixar de ressaltar que, já no prólogo da dita autobiografia, ele se auto-intitula “um sátiro”, além de assiná-la com a

³ Cf. “*Tentativa de Autocrítica*”, § 5 in *O Nascimento da Tragédia*.

alcunha de “Dionísio contra o Crucificado”, sugerindo que a sua obra teria sido um verdadeiro campo de batalha em que se afrontam os dois poderosos deuses. Em *Ecce Homo* (Eis o Homem), Nietzsche comenta seus livros, mostrando de que forma eles teriam servido para que ele duelasse com aquilo que ele chama de “niilismo europeu”. O título da obra remete a uma passagem do Evangelho de São João (XIX/5) em que Pôncio Pilatos apresenta aos judeus o Cristo coroado de espinhos com tais palavras: “eis o homem”. A expressão passou a designar, posteriormente, as representações pictóricas da famosa cena a que o Evangelho se refere. A paródia da frase das Sagradas Escrituras, colocada à frente da autobiografia do demolidor dos valores judaicos-cristãos, se sobrepõe ainda a outro sentido, inscrito na língua alemã, que utiliza a palavra latina *ecce* para nomear uma cerimônia em lembrança de alguém que já morreu, numa referência à primeira palavra de um cântico sagrado que se costuma entoar na ocasião. O texto se apresenta, portanto, como a celebração de uma morte. Há também um poema de Nietzsche chamado *Ecce homo*, na primeira parte de *A Gaia Ciência*, na seção “Gracejo, astúcia e vingança”. Nesse pequeno poema, Nietzsche reforça a identificação do seu destino de criador com o da ave mítica Fênix. Ei-lo aqui, em tradução praticamente literal⁴:

Sim! Conheço minha origem!
 Insaciável como a chama
 Ardo e me consumo.
 Luz se torna tudo o que pego,
 Carvão, tudo o que deixo:
 Flama sou, certamente.

Mesmo *O Nascimento da Tragédia* – um livro assumidamente metafísico e que, portanto e segundo a própria ótica nietzschiana, pode ser caracterizado como niilista, ele faz questão de enquadrá-lo dentro do conjunto de sua obra como um livro anti-cristão. A tese de metafísica da arte, que esse escrito sustenta, teria funcionado como um recurso de Nietzsche para opor-se ao racionalismo da metafísica socrática. Ou seja, esse livro trava um combate com o socratismo

⁴ Cf. FERRAZ, Maria Cristina Franco. *O bufão dos deuses* in *Cadernos de Memória Cultural*, p. 25. Rio de Janeiro: Museu da República. 1997-1998, n. 3.

utilizando-se das mesmas armas de Sócrates: a dialética. Nietzsche, paradoxalmente, faz uso da metafísica para combater a própria metafísica. Curiosamente, podemos identificar que há uma certa semelhança entre essa sua estratégia e a que é utilizada na feitura de *O Anticristo*, embora esses dois escritos estejam situados em momentos bastante distintos: enquanto este foi um de seus últimos escritos – ele nem chegou mesmo a publicá-lo –, *O Nascimento da Tragédia* foi o primeiro livro publicado por ele.

Em *O Nascimento da Tragédia*, como vimos, Nietzsche cria a metafísica do artista para mostrar que a idéia de essência estaria necessariamente apoiada nas aparências: “Dionísio não vive sem Apolo e vice-versa”. A sua interpretação do fenômeno trágico grego serve para sustentar a sua tese de que a essência não vive sem a aparência, de que o verdadeiro não vive sem o falso, de que a verdade não vive sem a mentira. Desse modo, ele desbarataria a tese socrática que outorga estatuto de superioridade àquilo que é tomado como essencial, como verdadeiro. Ele torna sem efeito essa tese, utilizando o mesmo recurso de Sócrates: a metafísica. Porém, com um diferencial: a metafísica inventada por ele é artística, não desprestigia aquilo que é considerado falso, enquanto a metafísica socrática é moral. Sócrates condena o mundo das aparências à imperfeição, à inferioridade, levando Nietzsche a reconhecer neste gesto um verdadeiro atentado contra a vida. E é, conforme ele declara em *Tentativa de Autocrítica*, contra essa moral que o seu primeiro livro se volta.

Já em *O Anticristo*, Nietzsche se atreve a contar o que ele chama de “a autêntica história do cristianismo”. Uma afirmação que poderíamos, a princípio, tomar como signo da pretensão nietzschiana de dar fidedignidade à sua história, de querer falar em nome da verdade. Porém não podemos esquecer que já no prólogo desse escrito ele afirma que seu livro se destinaria a “muitíssimos poucos”, “aos predestinados ao labirinto”, dando pistas, assim, da sua ousada estratégia. Ao invés de narrar a tal verdadeira história do cristianismo para opô-la à dos evangelistas, Nietzsche faz uma espécie de estudos filológicos do Evangelho para revelar aquilo que ele chama de “psicologia do cristianismo”. Utilizando-se de uma linguagem semelhante à dos evangelistas – recheada de persuasão –, Nietzsche revela a insustentabilidade da veracidade dos discursos bíblicos. Nesse sentido, embora possamos interpretar *O Anticristo* como um texto com pretensão à verdade, o recurso paródico nietzschiano revela que sua real intenção é

desconstruir as verdades evangélicas, através de um discurso recheado de humor e gracejo.

Uma outra curiosidade é que na mesma época em que escreve *O Anticristo*, o primeiro de uma série de livros que comporia a chamada transvaloração de todos os valores, Nietzsche afirma que *O Nascimento da Tragédia* teria sido sua primeira transvaloração. Estes fatos nos revelam a preocupação de Nietzsche em construir um traço que pudesse atravessar toda a sua obra, criando uma cumplicidade entre seu primeiro escrito e os últimos, a fim de forjar para si mesmo a imagem de *demolidor de Ídolos*, de destruidor de ideais. Ou seja, seu objetivo é sustentar que sua obra teria servido de verdadeiro instrumento na luta travada por ele contra o niilismo, contra o apego a verdades dogmáticas. A releitura que ele faz de seus escritos coloca-os, não obstante suas peculiaridades, numa mesma linha crítica, que tem como objetivo destruir os ideais que foram criados pela história da filosofia. É neste sentido que ele sustenta que todos os seus livros teriam servido para combater o caráter cristão da filosofia. Ele faz questão de destacar que sua obra não teria se preocupado em criticar apenas o ideal platônico/socrático que ele caracteriza como cristão ou mesmo o cristianismo propriamente histórico que foi engendrado por Paulo; os quais ele chama de *ídolos eternos*. Mas também, e sobretudo, “os ídolos mais jovens”, que ele chama de a face mais atual e dissimulada do modo cristão de interpretação da existência: “as idéias modernas”.

Como vimos, para Nietzsche a modernidade estava edificada sobre o ideal kantiano de que toda ação deve ser conduzida pelo Imperativo Categórico que estabelece que as ações pessoais devem ser justificadas pela utilidade que elas têm junto ao grupo, junto ao universal. Logo, “desmontar” o edifício moral kantiano, através de uma crítica que se obstinasse em sustentar que o feito kantiano teria servido para perpetuar a prática altruísta propagada pelo cristianismo, seria determinante para que a crítica nietzschiana ao ideal moderno fosse eficaz, alcançasse êxito. É neste sentido que a tese kantiana – que confere superioridade a um suposto bem em si, arbitrado pela razão, e condena as inclinações instintivas e prazerosas ao engano, na medida em que apenas a razão daria conta de traçar o caminho para a almejada felicidade – não é poupada por Nietzsche. Para atingir o núcleo da idéia niilista moderna de melhoramento da humanidade era necessário que ele colocasse em xeque o próprio ideal de verdade que se tornara senso

comum e do qual o homem não conseguira se desvencilhar. E é a isso que os últimos escritos de Nietzsche se propõem. Somente a partir dessa perspectiva podemos compreender o estreito laço entre os escritos que compõem o tal projeto nietzschiano de transvaloração: *Genealogia da Moral* foi concebido como “complemento e clarificação de *Além do Bem e do Mal*”, segundo constava no frontispício da primeira edição, além de a composição de *Crepúsculo dos Ídolos* ter sido substancial para a redação de *O Anticristo*. Ele escreve o Prólogo deste no mesmo dia em que acaba de redigir aquele.

O elo de ligação dos últimos escritos de Nietzsche faz parte de sua estratégia de combate ao que ele chama de cristianização do pensamento filosófico. Em verdade, como pela sua ótica o cristianismo é que fora o responsável pela hegemonia da idéia de que a verdade tem mais valor que a mentira, Nietzsche utiliza o termo “cristão” como metáfora para designar qualquer modo de pensamento que concede estatuto de superioridade à verdade: “Eu sou o primeiro a ter em mãos o metro para “verdade”⁵. Ele utiliza toda a potência dos conceitos engendrados por seus últimos escritos para sustentar a tese de que a modernidade continuava tributária do cristianismo, e que, portanto, ela era niilista. Pelo fato de o ideal kantiano de verdade ter servido de base para o ideal moderno de melhoramento da humanidade, a filosofia kantiana torna-se um dos alvos principais de sua crítica. Ele chega mesmo a dar tratamento crítico especial às teses kantianas, revelando os limites de sua validade, no mesmo escrito em que trata de desconstruir as teses contidas no Evangelho; o que lhe possibilita apontar para as semelhanças entre o pensamento cristão e o kantiano/moderno. Ele chega mesmo a afirmar que o êxito de Kant não passaria de um êxito de teólogo. A idéia de um Deus que se oferece em sacrifício para a salvação de toda a humanidade promoveria uma hegemonia ao ideal socrático ao ponto de dar sustentação e consolidar o modelo de virtude que foi idealizado por Kant e que serviu de inspiração para as teses modernas de progresso e melhoramento do homem.

Esses fatos é que motivaram Nietzsche a inventar um modo de filosofar tão radical quanto o caráter epidêmico e titânico do mítico deus Dionísio: “Pagãos são todos os que dizem sim à vida, para os quais ‘Deus’ é a palavra para o grandioso sim a todas as coisas”⁶. A radicalidade do pensamento de Nietzsche pode ser

⁵ Cf. *Ecce Homo*, “*Crepúsculo dos Ídolos*”, § 1.

⁶ Cf. *O Anticristo*, § 55.

detectada na medida em que os conceitos engendrados por sua filosofia não admitem, em hipótese alguma, qualquer forma de idealismo. Se a filosofia é uma instância que se preocupa em “limpar e fazer reluzir” antigos conceitos, podemos dizer que Nietzsche é uma espécie de anti-filósofo. Ou seja, podemos constatar, sobretudo em seus últimos escritos, que o seu objetivo não é incidir na velha prática de “amor à verdade”. A última parte de *Assim Falou Zaratustra* é exemplar quanto ao repúdio de Nietzsche ao ideal altruísta/humanista de que o homem pode vir a ser a personificação daquilo que a modernidade instaurou como modelo de virtude: “Esse Deus, ó homem superiores, era o vosso maior perigo. Somente desde que ele jaz no túmulo, vós o ressuscitastes”⁷. Na medida em que se pensava que o “velho Deus” já teria sucumbido, a exortação feita por Zaratustra (personagem central) chega a beirar a ironia. As palavras que Nietzsche coloca na boca do personagem central – que, em meio a todas as suas invenções, ele o toma como a sua predileta – explicitam a teoria do “homem superior” criada por ele. Essa teoria visa a atingir o ideal de modernidade em sua pretensão mais profunda, que é levar a humanidade ao melhoramento, à perfeição, ao acabamento. Com essa teoria, Nietzsche tenciona denunciar a mais profunda mistificação do humanismo: a realização absoluta do homem, pôr o homem no lugar do velho Deus. O homem moderno nega Deus, mas não deixa de reverenciá-lo quando o substitui por idéias universais como “humanidade”, “sociedade livre”, “ciência”, “evolução”, “progresso”, “felicidade para todos”, etc. As palavras de Zaratustra têm o sentido de nos alertar de que o homem acaba substituindo Deus pelo humanismo. Nietzsche mais uma vez se utiliza de metáforas para sustentar que o ideal ascético ainda se faz presente através de um ideal moral; o qual é personificado pelos diversos personagens inventados por ele neste seu livro, assumidamente, de ficção, tais como “o adivinho”, “os dois reis”, “o homem da sanguessuga”, “o feiticeiro”, “o último papa”, “o mais feio dos homens”, “o mendigo voluntário” e “a sombra”. Embora se distingam de acordo com a posição que cada um ocupa ao longo da história, eles formam um grupo que explicita exemplarmente a teoria do homem superior inventada por Nietzsche.

Essa teoria nietzschiana se coloca contra o apego da dita modernidade aos velhos conceitos engendrados pela filosofia, os quais fazem do homem uma finalidade como se fosse um Deus. Neste sentido, não podemos deixar de ressaltar

⁷ Cf. *Assim Falou Zaratustra*, IV, “Do homem superior”, § 2.

a atualidade do pensamento nietzschiano, ao se constatar a crise em que se encontra o modelo democrático que foi propagado pelo ideal humanista revolucionário francês. É comum, hoje, os pensadores se debruçarem sobre a problemática em que o tão sonhado Estado democrático se vê enredado: a conciliação entre os modelos de realização, que têm como fim a defesa dos direitos dos homens, e as desigualdades produzidas pelo modelo de “desenvolvimento e progresso” praticado pelo capitalismo, o qual é sustentado pelo próprio Estado democrático. Conforme Deleuze e Guattari dizem, “Se não há Estado democrático universal, malgrado o sonho e fundação da filosofia alemã, é porque a única coisa que é universal no capitalismo é o mercado”⁸. Os modelos democráticos de realização não estão imunes ao mercado enquanto este produz desigualdades de desenvolvimento determinantes. Ou seja, o Estado democrático tornou-se refém daquilo que é ocasionado por esse mesmo Estado democrático; o que explicita toda a sua vulnerabilidade. Ao se referir diretamente à tese kantiana, a dupla francesa parece apreender eficazmente a crítica que as metáforas de Nietzsche enlaçam: “Superai, ó homens superiores, (...) a ‘felicidade do maior número’!”⁹. Atualmente tenta-se defender o Estado de direito do próprio Estado democrático. Os filósofos franceses chegam a sugerir que, paradoxalmente, os Estados democráticos são ligados e comprometidos com os Estados ditatoriais: “Que social-democracia não dá a ordem de atirar quando a miséria sai de seu território ou gueto?” O questionamento de Deleuze/Guattari, mais do que uma provocação, é o sustentáculo de sua afirmação de que “os direitos do homem são axiomas”. O que, numa linguagem nietzschiana, é o mesmo que dizer que os direitos dos homens são dogmas, uma fraude, uma falácia, uma invenção, uma ilusão, visto que o próprio homem, como atesta os conceitos engendrados por Nietzsche, é uma produção ocasionada pela sua domesticação.

A vergonha de ser um homem, nós não a experimentamos somente nas situações extremas [referência direta ao nazismo], mas nas condições insignificantes, ante a baixeza e a vulgaridade da existência e de pensamento-para-o-mercado, ante os valores, os ideais e as opiniões de nossa época.¹⁰

⁸ Cf. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, p. 138.

⁹ Cf. *Assim Falou Zaratustra*, IV, “Do homem superior”, § 3.

A idéia de homem que traz consigo intrinsecamente esse paradoxo, que Deleuze/Guattari caracteriza como vergonhoso, é muito bem delineada por Nietzsche quando burlescamente afirma que o homem precisou vestir a razão com o capote do *status* de superioridade para poder ocultar o espetáculo vergonhoso de sua condição de animal domesticado. Parece que os filósofos franceses compreenderam muito bem a Máxima nietzschiana quando, agora, ressaltam os meios sórdidos que servem para justificar o tão sonhado aperfeiçoamento da humanidade. Não podemos deixar de ressaltar também que esse sentimento de vergonha é um dos maiores motivos da filosofia: “Não somos responsáveis pelas vítimas, mas diante das vítimas. E não há outro meio senão fazer como o animal (rosnar, escavar o chão, nitrir, convulsionar-se) para escapar ao ignóbil: o pensamento mesmo está por vezes mais próximo de uma animal que morre do que de um homem vivo, mesmo democrata”¹¹. A fim de sobrepujar a vileza do citado paradoxo, a dupla francesa sugere que a defesa dos direitos do homem deve passar necessariamente pela crítica interna de toda democracia.

Neste aspecto, vale ressaltar, mais uma vez, a atualidade do pensamento trágico nietzschiano. Nietzsche atribuía ao filósofo como médico, “médico da civilização” ou inventor de novos modos de existência, diagnosticar, em cada momento, em cada presente, as transformações, os *devires*, a que estão sujeitos os homens. Porém, essa tarefa da filosofia, aos olhos nietzschianos, é desprovida de qualquer idealismo. E é neste ponto que ele invoca não só o “filósofo médico”, mas também “a arte, na qual, precisamente a *mentira* se santifica, a *vontade de ilusão* tem boa consciência a seu favor”¹², pois, como diz Deleuze e Guattari, “a raça invocada pela arte e ou a filosofia não é a que se pretende pura, mas uma raça oprimida, bastarda, inferior, anárquica, nômade, irremediavelmente menor”¹³. Ou seja, as novas possibilidades de existências a que se refere Nietzsche em nada tem a ver com o modelo de virtude em que se fundamenta o projeto de modernidade criticado por ele: “A última coisa que *eu* prometeria seria “melhorar” a humanidade. Eu não construo novos ídolos; os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro”, provoca Nietzsche. “*Derrubar ídolos* (minha palavra

¹⁰ Cf. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, p. 140.

¹¹ Cf. Idem.

¹² Cf. *Genealogia da Moral*, III, § 25.

¹³ Cf. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, p. 141.

para “ideais”) – isto sim é meu ofício”¹⁴. Os novos modos de vida vislumbrados por Nietzsche escapam à cristalização dos conceitos dogmáticos da filosofia e passam, necessariamente, pelo questionamento e, em última instância, pela implosão da própria idéia de virtude, de dever: aquilo que Deleuze/Guattari definem muito bem quando afirmam que “o filósofo deve tornar-se não-filósofo, para que a não-filosofia se torne a terra e o povo da filosofia”¹⁵.

Através de um texto poético, no qual o escritor Lawrence descreve o que a poesia faz, podemos ter uma compreensão mais precisa do modo como Nietzsche toma a arte como a sua mais fiel auxiliar na construção de uma nova filosofia, ou melhor, de uma não-filosofia, a fim de fazer raiar novas possibilidades de existência.

Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, sua opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda (...). Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão; e a massa dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões: comunicação. Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver. Significa dizer que o artista se debate menos com o caos (que ele invoca em todos os seus votos, de uma certa maneira), que contra os “clichês” da opinião.¹⁶

Este belo texto de Lawrence nos transporta para uma compreensão da cumplicidade que Nietzsche estabelece entre seu pensamento e a arte. Neste sentido, o seu *Assim Falou Zaratustra* é um retrato fidedigno de que qualquer questão filosófica pode ser tratada de modo absolutamente artístico. Através deste escrito, Nietzsche expressa toda a magnitude de seu pensamento trágico-artístico. Neste livro de ficção, ele consegue condensar todos os conceitos engendrados por sua filosofia. Falando através de inúmeros personagens, em um livro

¹⁴ Cf. *Ecce Homo*, Prólogo, § 2.

¹⁵ Cf. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, p. 142.

¹⁶ Cf. LAWRENCE, D.H. “*Le chaos en poésie*” in *Cahiers de l’herne*, p. 189-191, in DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, pp. 261 e 262.

absolutamente ficcional, Nietzsche sublinha todas as questões abordadas nos seus outros escritos, propriamente filosóficos. Ou seja, ele se utiliza da literatura para abordar todos os temas tratados por seus escritos de filosofia propriamente ditos: “moral”, “valores”, “vontade de potência”, “morte de Deus”, “teoria do eterno retorno”, “nihilismo”... Nietzsche se utiliza de recursos absolutamente artísticos e “traça fendas” no rígido “guarda-sol” que é sustentado pelos conceitos dogmáticos do pensamento filosófico. É neste ponto que está a singularidade e originalidade da filosofia nietzschiana: Nietzsche faz raiar novos sóis sobre a filosofia, levando-a, muitas vezes, a ser confundida com ficção. Ele engendra personagens para falar de questões absolutamente filosóficas, induzindo seu leitor a tomar seu escrito não como um livro de filosofia, mas como um romance. Como o próprio subtítulo indica, “*Um livro para todos e para ninguém*”, Nietzsche parece mesmo querer confundir, embaralhar, ou seja, ele parece ter a pretensão de implodir as fronteiras entre filosofia e arte, entre verdade e mentira. Se a arte, como diz os versos do poeta Fernando Pessoa, “é a magia que liberta a mentira de ser verdade”, Nietzsche parece dar um passo à frente ao pretender, através do estilo poético de *Assim Falou Zaratustra*, salvar a própria verdade de ser verdade; o que, a princípio, pode parecer confuso. No entanto, o que Nietzsche faz é colocar em prática aquela tese que ele, como vimos, sustentou através de *A Gaia Ciência*: ele retira o véu que encobre o caráter ilusório daquilo que convencionalmente tomamos como verdade e nos faz ver que tudo na vida se dá no campo das aparências artísticas.

Embora um eventual leitor de Nietzsche, que desconhece a sua obra filosófica e portanto ignora as questões tratadas por ele em seus livros propriamente filosóficos, possa tomar *Assim Falou Zaratustra* apenas como uma obra literária, como um livro de ficção, não podemos negar o fato de que um leitor prevenido irá perceber que neste escrito encontra-se todas as questões tão caras à Tradição filosófica. Nietzsche é fiel a si mesmo ao colocar na boca de seus personagens todos os conceitos engendrados por sua filosofia. Curiosamente, ele reserva a última parte deste escrito para tratar exatamente da questão abordada por seus últimos escritos propriamente filosóficos: o nihilismo do homem moderno. Nietzsche utiliza as últimas páginas de *Assim Falou Zaratustra* para combater o “espírito de gravidade” que havia contaminado o pensamento filosófico. É exatamente o modelo de virtude perseguido pela modernidade que Nietzsche

procura combater, através da “teoria do homem superior” que é sustentada pelo seu Zaratustra: “Afastai-vos do caminho desses homens absolutos! Têm pés pesados e coração mormacento: não sabem dançar. Como poderia a terra ser leve para tal gente!”¹⁷ Nietzsche leva às últimas consequências a sua capacidade de falar por meio de metáforas. Todos os conceitos que emergem pontualmente nos outros escritos nietzschianos são agrupados de forma precisa neste livro ficcional, a fim de executar aquela que seria a sua derradeira façanha: o combate ao niilismo moderno.

As diversas metamorfoses por que passam os escritos de Nietzsche dão prova do caráter absolutamente dionisíaco assumido por sua obra. Mesmo que seus livros sejam datados segundo as diversas direções tomadas por um pensamento em constante transformação, há um traço de continuidade/complementariedade que atravessa toda sua obra e que é muito bem traduzido através de *Assim Falou Zaratustra*. Um traço que emerge como resultante do esforço nietzschiano de combate ao niilismo que teria infectado o pensamento filosófico. Um combate simbolizado através da luta entre o filósofo que veste a máscara de um deus titânico/enganador e o Deus cristão. Através de uma metáfora que cria para sua filosofia uma imagem tal qual a de um campo de batalha em que se afrontam os dois poderosos deuses, Nietzsche expressa a luta travada por ele, um pensador preocupado com novas auroras para a filosofia, contra o caráter dogmático não só da Tradição como também da modernidade, traduzido por ele como niilismo moderno: “Aprendeis, como convém, a rir de vós mesmo. Quantas coisas são ainda possíveis, ó homens superiores!”¹⁸

¹⁷ Cf. *Assim Falou Zaratustra*, IV, “Do homem superior”, § 17.

¹⁸ Cf. *Assim Falou Zaratustra*, IV, “Do homem superior”, § 15.